

SITUAÇÃO DE CRISE

Só US\$ 1 bilhão de saldo, sem reservas

O Governo argentino teria que pagar, até o final do ano, mais de US\$ 4 bilhões em juros de sua dívida externa, que chega a US\$ 53 bilhões. O estoque de reservas cambiais, no entanto, está em torno de US\$ 400 a 700 milhões, suficientes apenas para manter as importações por um mês. Além disso, as perspectivas com relação ao superávit comercial são pouco animadoras: o saldo deve chegar a apenas US\$ 1 bilhão.

A estratégia de negociação da dívida argentina já passou por diversas fases desde a eleição, em 1983, do Presidente Raul Alfonsín. Na primeira, que durou apenas oito meses, acreditava-se que, por intermédio do Clube de Paris (que reúne os credores oficiais, ou seja, os Governos), os argentinos conseguiriam melhores condições de pagamento. O país acabou recorrendo ao FMI, em 1984. Em fevereiro de 1985, a Argentina conseguiu um acordo pelo qual só pagaria 50% dos juros e nada do principal. Paralelamente, foi lançado o Plano Austral, que reduziu de 30% para 3% a inflação mensal.

O país não cumpriu a maioria das metas do acordo feito em janeiro deste ano com o FMI, nem o programa de ajustes assinado em julho, que tornou bimensal o monitoramento do FMI sobre sua economia. O Governo assinou, em 21 de agosto, acordo com os bancos credores para refinanciar US\$ 30 bilhões de sua dívida externa. No dia 26 de setembro, o Secretário da Fazenda, Mario Brodershon, anunciou a realização de um novo acordo, em que o país receberia US\$ 750 milhões dos credores.

Como os recursos não foram liberados, o Federal Reserve (Banco Central dos EUA) liberou um empréstimo-ponte de US\$ 500 milhões, em outubro, para que a Argentina tivesse condições de tentar conseguir um waiver (perdão temporário do pagamento da dívida).
